



José Sócrates acredita que não deixou pedra sobre pedra da acusação

Sócrates Mais dúvidas do que certezas

Ex-PM atrapalhou-se a explicar empréstimos, mas será difícil ao Ministério Público provar corrupção. 29 horas de interrogatório não mudaram muita coisa

Texto **RUI GUSTAVO**
Foto **TIAGO MIRANDA**

José Sócrates enfrentou o primeiro julgamento desde que foi acusado de 31 crimes pelo Ministério Público, incluindo corrupção. Entre a semana passada e esta, num total de 29 horas de interrogatório, foi confrontado com as perguntas do juiz de instrução Ivo Rosa, que tem nas mãos o seu futuro próximo. Será ele a decidir se Sócrates vai a julgamento e por que crimes.

O juiz proibiu a entrada de jornalistas/assistentes na sala de audiências do Tribunal Central de Instrução Criminal — apesar de haver duas decisões judiciais em sentido contrário (e uma a favor) — mas, de acordo com várias fontes ouvidas pelo Expresso, as 29 horas de interrogatório cerrado deixaram mais ou menos tudo na mesma: José Sócrates teve algumas dificuldades para explicar os avultados empréstimos que recebia do amigo “de mais de 40 anos”, Carlos Santos Silva, também acusado no processo e o próximo arguido a ser ouvido nesta fase de instrução. Por outro lado, vai ser difícil para o Ministério Público conseguir provar as acusações de corrupção que imputa ao ex-primeiro-ministro. O depoimento de Carlos Santos Silva será importante para

que o juiz consiga responder à pergunta de um milhão de euros (na verdade o MP diz que Sócrates foi corrompido com 34 milhões) deste processo: afinal de quem era o dinheiro? Santos Silva é um milionário de mãos largas ou mero testa de ferro?

No último dia de interrogatório, Sócrates explicou que os gastos que fazia nas férias, apesar de estar com dificuldades financeiras, eram cobertos por uma herança de “um milhão de contos” que a mãe tinha recebido de um avô e que guardava num cofre. O ex-PM já se tinha referido à herança, mas nunca com tanto detalhe.

Insistindo sempre na tese do empréstimo que o amigo lhe fez numa altura de necessidade, o ex-primeiro-ministro fez mesmo as contas e disse que Santos Silva lhe emprestou um total de 567 mil euros, dos quais já pagou 250 mil. Estas contas incluem entregas em dinheiro vivo, o pagamento de despesas com a casa de Paris e até o pagamento de um fune-

Ivo Rosa vai decidir se Sócrates vai a julgamento e por que crimes, nomeadamente corrupção

ral. Terá sempre dificuldade em explicar porque é que dispunha do dinheiro do amigo como se fosse dele e porque é que se referia aos empréstimos por código.

Ivo Rosa foi fiel ao guião da acusação e começou por confrontar Sócrates com as suspeitas relacionadas com o BES, que, segundo a acusação, o terá corrompido para evitar que a OPA da Sonae ao Grupo PT tivesse sucesso. Sócrates explicou que não teve qualquer intervenção no processo e que o Governo teve uma posição neutral no processo.

Em relação ao Grupo Lena, Sócrates levou um gráfico para demonstrar que este conglomerado de empresas não foi beneficiado em relação aos concorrentes e que até teve mais concursos ganhos durante o Governo de Passos Coelho. E puxou do calendário para perguntar que sentido faz ter recebido 1,2 milhões um ano antes de uma obra na Venezuela que ninguém sabia que ia existir.

Para o capítulo Armando Vara, mais um trunfo: Sócrates garantiu ao juiz que sugeriu ao ministro das Finanças que não fosse o Governo a nomeá-lo, para “evitar polémica”. Teixeira dos Santos confirmou a Ivo Rosa que foi ele a escolher e a nomear Vara para a administração da Caixa.

rgustavo@expresso.impressa.pt